



CIDADES INTELIGENTES IMPLICAM SERVIDÃO MAQUÍNICA?

Moises de Freitas Cunha¹

“Das duas definições de uma manufatura dadas por Ure, e citadas por Marx, à primeira relaciona máquinas a homens que a vigiam, enquanto a segunda relaciona máquinas e homens, ‘órgãos mecânicos e órgãos intelectuais’ à manufatura como corpo pleno que as maquina. Na realidade, é a segunda definição que é literal e concreta.”

“Não foram as máquinas que fizeram o capitalismo, mas, ao contrário, o capitalismo é que faz as máquinas e não para de introduzir novos cortes graças aos quais ele revoluciona os seus modos técnicos de produção.”
(Deleuze & Guattari, In LAZZARATO 2010: 27).

RESUMO

Este artigo faz breve introdução do conceito de cidades inteligentes como palco de interações entre grupos de interesse que habitam centros urbanos modernos, palcos de representações mais vibrantes, nos termos de Erving Goffman. Também, somado à breve menção de Ciência Política, discute sobre o planejado e o não planejado, no que tange a produção de políticas públicas, como sendo resultado de decisões políticas para atender interesses e necessidades de alguns em detrimento de outros. Nesse sentido, trata da produção de riqueza (vantagem acumulada), sujeição social e distribuição de papéis e lugares que podem levar a conflitos devido a processos de competição nas urbes modernas, inteligentes. Conclui apontando para uma proposta que pode ser ferramenta (tecnologia social) para a alteração de quadros (políticos, sociais) por meio de coesão grupal (teorema de Thomas) e representações de papéis (bastidores e fachadas) nos termos de Thomas e Goffman, respectivamente.

Palavras chave: cidade; inteligente; pública; representações; coesão; riqueza.

ABSTRACT

This article introduces, briefly, the concept of smart cities as stages for interactions among stakeholders that dwell modern urban centers, stages for very vibrant interactions, under the terms of Erving Goffman. Also, by means of Political Science, it discusses about the planned and the non-planned, regarding the production of public policies as the result of political

¹ Graduado na Escola Superior de Propaganda e Marketing, Mestrando em Ciências Sociais (Sociologia Urbana) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Faculdade de Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciências Sociais PUC-SP na Linha de Pesquisa: Dinâmica Urbano-Regional, Planejamento e Políticas Públicas, sob orientação de Maura Pardini Bicudo Vêras.

decisions to serve interests and needs of some groups as opposed to other groups. This way, it deals with the production of wealth (cumulative advantage), social subjection and distribution of roles and places that may lead to conflicts due to processes of competition in modern, smart cities. It concludes stating a proposition that may be a tool (social technology) to the shifting of situations, frames (political, social) by means of group cohesion (Thomas theorem) and role playing (back or off-stage and front or on stage or façade, façade) under the terms of Thomas and Goffman, respectively.

Keywords: city; smart; public; representation; cohesion; wealth.

Introdução

Servidão maquínica e sujeição social são dois dispositivos de poder heterogêneo envolvidos na produção de riqueza, nos termos de Lazzarato. Esse autor recorre a Deleuze e Guattari para citar achados de Marx que afirmam que “a produção de riqueza depende da atividade subjetiva abstrata, não qualificada”. De acordo com esses autores, a sujeição social produz e distribui lugares e papéis dentro e para a divisão do trabalho, sendo um processo de personificação das relações de capital, enquanto que a servidão maquínica acontece por meio da “dessubjetivação ao mobilizar semióticas, não representativas ou linguageiras, mas funcionais e operacionais (a-significantes e não representativas).” (LAZZARATO, 2010: 28). Na servidão² maquínica, um homem ou uma mulher é considerado uma engrenagem, uma roda dentada, uma parte componente do agenciamento “empresa”, do agenciamento “sistema financeiro”, do agenciamento mídia, do agenciamento “Estado de bem-estar social” e de seus “equipamentos coletivos” (escolas, hospitais, museus, teatros, televisão, internet, etc.) (p.28).

É com base na afirmação acima que correlacionamos o conceito de cidades inteligentes à servidão maquínica, e convidamos os leitores a refletir conosco sobre os possíveis e verdadeiros ganhos e/ou perdas decorrentes de processos de “desenvolvimento” oriundos de uma sociedade pós-moderna, que compõe e é composta por cidades modernas, globais, e todas suas idiosincrasias.

“O século 19 foi um século de impérios, o século 20 foi um século de Estados-Nação, e o século 21 será um século das cidades”³. Esta frase foi proferida por um ex-prefeito da cidade de Denver, nos Estados Unidos, e publicada num breve estudo em 2011. *Anatomy of a smart city*⁴, publicação da revista Urban Times⁵ traz ainda números impressionantes sobre

² “Servidão significa a ‘pilotagem’ ou o ‘governo’ dos componentes de um sistema. Um sistema tecnológico subjuga (‘governa’ ou ‘pilota’) variáveis (temperaturas, pressão, força, velocidades, resultado, etc.) assegurando a coesão e o equilíbrio funcional do todo. A servidão é o modo de controle e regulação (‘governo’) de uma máquina social ou técnica, como uma fábrica, uma empresa ou um sistema de comunicações.” LAZZARATO, 2010: 28).

³ Wellington E. Webb, o primeiro prefeito Afro-Americano da Cidade de Denver, no Estado do Colorado, áreas majoritariamente brancas, naquele país. Fonte: <http://www.blackpast.org/aaw/webb-wellington-e-1941>.

⁴ Disponível em <http://postscapes.com/anatomy-of-a-smart-city-full>.

a urbanização do planeta. As favelas são lares de 1 (um) bilhão de moradores do nosso planeta, uma notícia triste a meu ver, que é confrontada com dados “confortantes”, i.e.: “Existem 5 bilhões de assinaturas de telefones celulares pelo mundo em 2011, que conduzem a novos caminhos para os habitantes pobres da urbe a gerirem seus ambientes.”

⁶

As afirmações do ex-prefeito W.Webb por mais simplistas que possam parecer, são corroboradas por Júlio Moreno em “O Futuro das Cidades”, quando este diz: “E chegamos à Era Urbana. A linha demarcatória do ‘ponto de não retorno’ já foi ultrapassada.” O referido autor traz estatísticas sobre o crescimento humano global, comparando áreas rurais e urbanas, e cita datas importantes. Por exemplo, 1910 e 1960, nos Estados Unidos e no Brasil, respectivamente, marcam a ultrapassagem de habitantes em áreas urbanas vis-à-vis áreas rurais. O ano de 2030 é esperado quando 60% (sessenta por cento) da população mundial estarão habitando as cidades do planeta. Tendo em mente os números alarmantes de favelas, conforme Mike Davis, pode-se imaginar onde todo esse contingente estará vivendo. Falta de acesso à: água corrente, saneamento básico, equipamento público e/ou infraestrutura, boa qualidade de edificação e área suficiente para moradia⁷, compõem a definição da Organização das Nações Unidas para favela, de acordo com o estudo citado anteriormente.

Com aumentos tão grandes e crescentes da demanda por espaço em áreas urbanas, e a diminuição da quantidade e qualidade de políticas públicas, como estarão cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Londres, Paris, em 2030? Temos assistido o afluxo de refugiados e novos (i) migrantes em certas cidades, e por sua vez, o aumento de conflitos de toda sorte. As tecnologias disponíveis hoje darão conta da gestão de tamanha demanda? Se por um lado, estudos da Escola de Chicago apontavam como natural o fenômeno conflito, como sendo o estágio seguinte da competição, pode-se afirmar que pessoas e/ou grupos humanos que tenham “acumulado desvantagens” ao longo da história, tenderão, quase sempre, a perder qualquer disputa. David Harvey em “A liberdade da cidade” cita que “entre direitos iguais, quem decide é a força”, frase sexta atribuída à Marx. Neste mesmo texto, Harvey afirma que evitar o conflito não é a resposta.

Retomando, breve e sucintamente, o conceito de servidão maquinária, os atores das urbes agiriam, como agem, apenas como engrenagens, rodas dentadas, cujo gerenciamento

⁵ Fonte: <https://www.linkedin.com/company/urbantimes>. [Consultado em 07/12/2015.]

⁶ Tradução livre do autor deste artigo. A saber: “There are 5 billion mobile subscriptions worldwide in 2011 => leading to new ways for the urban poor to manage their environment.”

⁷ Tradução livre deste autor: “The UN defines a slum as a household that lacks access to one or more of the following: -access to improved water, -access to improved sanitation, -security of tenure, -durability of housing, -sufficient living area.” Fonte: <http://postscapes.com/anatomy-of-a-smart-city-full>.

busca apenas a obtenção de coesão, ou seja, o não conflito. Contudo, podemos afirmar que o conflito não aparente não significa a não existência de conflito.

Autores como Flávio Villaça, Ana Fani, Mark Gottdiener, Milton Santos e Maura Vêras, entre outros, quando falam da produção do espaço urbano, dizem que "... o espaço social... urbano é socialmente produzido ... é produto produzido pelo trabalho humano..." (Villaça, 2011: 37), no sentido de que tudo o que temos ao nosso redor, o feito e o não feito, é produto produzido pelo "trabalho" humano. A não política pública⁸ é produzida pelo agente público para atender a interesses de grupos hegemônicos, que detém força e podem decidir. Celina Souza diz que "dentro do campo específico da política pública, alguns modelos explicativos foram desenvolvidos para se entender melhor como e por que o governo faz ou deixa de fazer alguma ação que repercutirá na vida dos cidadãos." (SOUZA, Celina, 2006: 28). É o fazer viver, e deixar morrer, que conceitua a biopolítica⁹.

Ainda sobre uma cidade moderna, Richard Sennett afirma que o individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade, o que, entre várias outras externalidades negativas, pode ter contribuído para que as pessoas cada vez menos acolham as diferenças, e a dessemelhança cria, cada vez mais, hostilidades (SENNETT, 2006: 289-290 passim). Essa mesma cidade moderna pretende-se, também, inteligente. E se o individualismo moderno tornou as pessoas mais silenciosas nas interações pessoais do cotidiano, o mesmo também acontece em termos políticos, ou seja, grupos dessemelhados que competem entre si, mesmo que não tenham consciência, fragilizando ainda mais os espaços públicos que poderiam ser usufruídos por todos. Exemplo clássico hoje é o fechamento da Avenida Paulista aos domingos, ou ainda as ciclovias. Por dessemelhança política, grupos opositores seguem tentando anular as tentativas do prefeito da referida cidade de melhorar o dia-a-dia de seus cidadãos. Mesmo as pessoas que habitam vizinhanças pouco aparelhadas passam a ter acesso a políticas públicas, até então inexistentes, porém mesmo assim, alguns destes fazem coro aos grupos hegemônicos descontentes com a melhora de bem-estar de "outsiders", nos termos de Norbert Elias.

Retomando as estatísticas globais e nacionais sobre o aumento vertiginoso de urbanização, e todas as consequências, cita-se a Socióloga Janice Perlman que, também, correlaciona esta tendência ao aumento de favelização nas cidades modernas e inteligentes (?). A

⁸ "Um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos" (Lynn, 1980); "A soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos" (Peters, 1986); "O que o governo escolhe fazer ou não fazer" (Dye, 1984), In (Souza, 2006: 24).

⁹ "... o conceito de Biopolítica evidenciado pelo Michel Foucault, diz respeito a uma tecnologia de poder constituída na modernidade. Esta tecnologia de poder apresenta-se como poder racionalizador que tem como objetivo primordial a otimização e a superação dos problemas que envolvem a vida da população. Utilizando-se de conhecimentos científicos provenientes das mais diversas ciências, da estatística, da demografia, ..., além de mecanismos como: sistema de vigilância, relatórios de inspeções, escriturações, tecnologias disciplinares no mundo do trabalho, constitui-se um poder de administrar, controlar a vida e a morte das populações..." BAZZANELLA et al, 2011.

referida autora cita em *FAVELA: Four Decades Living on the Edge in Rio de Janeiro*, que 100 (cem) anos atrás, apenas 10% da população mundial vivia em cidades, e hoje este número é de 50%. Até o ano de 2050, projeta-se um percentual de 75%. Janice afirma em seu livro que ao longo dos 40 anos de sua pesquisa na cidade do Rio Janeiro, fosse antes da ditadura militar, durante tal período, e mesmo durante os recentes anos de democracia política, poucas foram às melhoras nas condições de cidadãos despossuídos de condições de adquirir moradia em vizinhanças equipadas. Pode até parecer brincadeira, mas no prefácio do referido livro, há a seguinte afirmação:

“A democracy is not only a government of rules and institutions; it is an honest assurance of the safeguard of human rights and equality of opportunity. Democracies provide the opportunity for everyone to participate in and influence the decisions that affect the present and the future of their community. Either a democracy is guided toward ensuring that its citizens lives may be lived in dignity, or apathy, cynicism, and disaffection toward the political system will prepare the way for a resurgence of an authoritarian populism that we thought had become a thing of the past. An informed and empowered citizenship is the most effective antidote to this danger.”

A referida citação é do ex-presidente da República, sociólogo e Professor Doutor Fernando Henrique Cardoso.

Outra figura brasileira de peso, que segue na mesma direção é o economista e também Professor Doutor Luiz Carlos Bresser-Pereira, ao afirmar que o Estado republicano, surgido após a criação do Estado moderno, “... é viável no contexto de uma sociedade civil ativa na qual são observados os princípios da democracia liberal, social e participativa ou deliberativa.” (BRESSER-PEREIRA, 2004: 132), cenário propício para garantir os direitos sociais e combater o desemprego e a desigualdade econômica; garantir os direitos civis, que protegem a vida, a propriedade e a liberdade, e que assegura que cada cidadão seja tratado com respeito.

Por que, mesmo com tanta erudição e conhecimento por parte de alguns agentes públicos e/ou políticos, mandato político após mandato político, seja legislativo, seja executivo, não se atinge um patamar decente de bem-estar para as populações já tão sofridas há tanto tempo? A servidão maquinica, que alguns atores políticos, econômicos encontram-se submetidos, não permite que tais agentes, atores atuem de forma eficiente e produzam as necessárias políticas públicas? Habitar uma cidade pressupostamente inteligente garante a obtenção e manutenção de bem-estar? Se não, por quê?

Em direção contrária segue o urbanista Edward Glaeser que aponta as cidades como solução para vários problemas. Até mesmo a grande concentração de pessoas em espaços citadinos é vista como um caminho para a saída da pobreza, uma vez que é nas

idades com altas densidades populacionais que ocorre progresso. De acordo com esse autor, é nesse ambiente, denso, onde a produtividade das pessoas aumenta em 50%. As cidades são vistas por ele como portas de comunicação entre mercados e culturas. A urbanização e a prosperidade por todas as nações estão fortemente correlacionadas. Glaeser afirma que as políticas públicas devem ser dirigidas às pessoas pobres e não aos lugares pobres, uma vez que política pública alguma consegue deter a força das marés de mudança urbana. (GLAESER, 2011: 01-16 passim).

Independente do posicionamento político-partidário, ideológico, estamos diante de situações de grau e não binárias, portanto deveras complexas. E não existe resposta simples para situações complexas. Contudo, considerando o conceito de governabilidade, ou seja, o que podemos fazer hoje com o que temos disponível, é mais que urgente o trato apropriado de tais questões enquanto ainda há tempo. David Harvey afirma que “se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito” (HARVEY, 2013: 33). Nessa mesma direção segue o conceito de “definição de situação”¹⁰ de Thomas que afirma que “se os homens definem situações como reais, elas são reais nas suas consequências”. No sentido que quando houver coesão grupal o suficiente para se fazer mais e melhor para todos/as, assim o será, até porque “o mundo, na verdade, é uma reunião” (GOFFMAN, 1975: 48-49) onde as plateias e os bastidores interagem na manutenção das fachadas.

BIBLIOGRAFIA

BAZANELLA et al. O conceito de política em Hannah Arendt e sua acepção Biopolítica em Foucault: Manifestações no poder legislativo do Município de Canoinhas/SC. São Luís: Revista Húmus, v.1, nº1, pp.66-80. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1642>. Acesso em: Maio 2015.

Bresser-Pereira, Luiz Carlos. O Surgimento do Estado Republicano. Porto Alegre: Lua Nova, 2004, (pp.131-150).

CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. (2011), *A Produção do Espaço Urbano*, São Paulo, Ed. Contexto.

DAVIS, Mike. Planeta Favela. São Paulo: BOITEMPO Editorial, 2006.

DAVIS, Mike. Cidade de Quartzos: escavando o futuro em Los Angeles. São Paulo: BOITEMPO Editorial, 2009.

¹⁰ “...*definition of the situation* ...discrepancy between the situation as it seems to others and the situation as it seems to the individual that brings about the overt behavior difficulty... *If men define situations as real, they are real in their consequences...*” (Thomas, 1928: 572).

- DELEUZE & GUATTARI. Produção e produção de subjetividade: entre sujeição social e servidão maquínica, In LAZZARATO, Maurizio. Signos, Máquinas, Subjetividades. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2010.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.
- GLAESER, Edward L. Os centros urbanos: A maior invenção da humanidade / Triumph of the city – Como as cidades nos tornam mais ricos, inteligentes, saudáveis e felizes. Rio de Janeiro: Campus & Elsevier Editora Ltda., 2011.
- GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis, 20ª edição, Ed. Vozes, 1975.
- GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1997.
- HARVEY, David. A liberdade da cidade In Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo Editorial, 2013.
- MERTON, Robert King. (1968), *Social Theory and Social Structure*, New York, The Free Press, (Enlarged Edition).
- _____ (1968), *Sociologia: Teoria e Estrutura*, São Paulo, Editora Mestre JEU.
- _____ (1973), *The Sociology of Science: Theoretical and Empirical Investigations*, Chicago, The University of Chicago Press.
- _____ (1995), *The Thomas Theorem and The Matthew Effect In Social Forces Journal* (Oxford University Press), V.74, nº 2, pp.379-424.
- _____ (1948), *The Self-Fulfilling Prophecy In The Antioch Review*. V.8, nº2, pp.193-210.
- MORENO, Júlio. O futuro das cidades. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 2009.
- PERLMAN, Janice. FAVELA: Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro. New York, Oxford University Press, 2010.
- SENNETT, Richard. Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental, Rio de Janeiro, Editora Record, 2006.
- SOUZA, Celina. “Políticas Públicas: Uma revisão de literatura”. In: Sociologias. Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul./dez, 2006, pp.20-45.
- THOMAS, William I. ET AL. *The Child in America: Behavior Problems and Programs*. New York. Alfred A. Knopf, MCMXXVIII (1928).
- VÉRAS, Maura P.B.(2000), *Trocando Olhares: Uma introdução à construção sociológica da cidade*, São Paulo, EDUC.
- _____ (2003), *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*, São Paulo, EDUC.

_____ (2012): *A produção da alteridade na metrópole: Desigualdade, segregação e diferença em São Paulo* In DANTAS, Sylvia D. (org.): *Diálogos Interculturais reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*, Instituto de Estudos Avançados-USP, São Paulo.

VÉRAS, Maura P.B.(1991), O bairro do Brás em São Paulo: um século de transformações do espaço urbano ou diferentes versões da segregação social. Tese de doutorado em Ciências Sociais, PUCSP.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: NOBEL/FAPESP, 1998.

_____ *São Paulo: segregação urbana e desigualdade*. In Revista Estudos Avançados: v.25, n.71, p.37-58, fev. 2011.

_____ *Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira. Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: CEDESP, 1999, 221-236.